



Projeto RUA — Arte e cidade: práticas e montagem

**Projeto RUA — Art and city:
propositions, practices and montage.**

Priscila Bellotti ¹

<https://orcid.org/0000-0003-3968-7252>

<https://lattes.cnpq.br/1781673600543809>

priscila.bellotti@unesp.br

¹ - Mestranda do Instituto de Artes da Unesp, realiza a pesquisa “Projeto RUA — Arte e cidade: proposições, práticas e montagem” com duas linhas simultâneas. Uma linha prática de ateliê com experimentos em fotografia e técnicas gráficas, e uma linha teórica que investiga o espaço público compartilhado como um espaço normativo, caótico mas também inventivo. artista visual, designer gráfica e pesquisadora. Desde 2016, desenvolve o Projeto RUA que parte da investigação sobre o espaço urbano e da fotografia analógica e digital, e produz serigrafias, monotipias, cianotipias, fine art, lambes, livros-objeto e publicações inspiradas na dinâmica de uma cidade que cresce sobre sua própria ruína.

Resumo: Essa pesquisa toma a cidade como um espaço arbitrário, complexo, inventivo e em constante devir que inspira artistas e pesquisadores a produzirem e refletirem a partir de suas experiências urbanas. A metodologia utilizada é o caminhar aliada à fotografia, às técnicas gráficas de impressão e ao princípio de montagem como método de conhecimento e processo de criação.

Palavras-chave: arte; cidade; montagem; imagem; multiplicidade.

Abstract: *This research considers the city as an arbitrary, complex, inventive and constantly becoming that inspires artists and researchers to produce and reflect based on their urban experiences. The methodology used is walking combined with photography, graphic printing techniques and the principle of montage as a method of knowledge and creative process.*

Keywords: *art; city; montage; image; multiplicity.*

Caminhar pela cidade e observá-la em seus micro acontecimentos, passo após passo, tão complexa quanto ordinária. Milhares de ações simultâneas e estímulos visuais e sonoros reverberam no corpo e alteram o ritmo do passo. Acelera, desacelera, para, escuta, segue e observa, como diz Francesco Careri (2017), com o olho estrábico, um olho no trajeto e outro no que te distrai dele. Um olho estrábico e o ouvido surround atento aos sons da cidade em uma espécie de mixagem de vários canais em tempo real. Conversas, motores, alto-falantes, animais, buzinas, sons ruidosos e harmônicos, próximos ou distantes, se tornam música.

A cidade é múltipla e experimentada de diferentes maneiras. Não se trata de um lugar neutro, sem gênero, sem classe social e sem cor. Mulheres, refugiados, moradores de rua, negros, lgbtqi+ e trabalhadores informais, quando abordados, recebem tratamento diferente do dado aos homens brancos escancarando os diferentes tratamentos dados aos corpos e aos territórios. A cidade não é uma só.

Vista do alto, a cidade aparece como uma massa informe que se rearranja incessantemente e se move conforme fluxos de investimentos, projetos urbanísticos, deslocamentos populacionais e desvios imprevistos que revelam uma espécie de coreografia em um espaço esquadrihado. Observar o ritmo de uma grande cidade, orquestrado entre a velocidade dos corpos e a mudança de cores dos semáforos, levanta questões: o que mantém esse movimento ativo? E, o que o faria parar?

Há uma vertigem, uma orquestração acelerada de movimentos, um redemoinho, que parece absorver o que está ao redor e impor um ritmo. Porém, é nesse mesmo espaço arbitrário, complexo e acelerado que acontece uma série de encontros inusitados, agenciamentos improváveis, insurgências momentâneas e proposições artísticas que, à revelia desse aspecto normativo, abrem brechas para o poético e o inventivo.

As imagens aqui apresentadas fazem parte do Projeto RUA e foram realizadas por um corpo caminhante e artista que avança como uma membrana permeável ao entorno e, enquanto se modifica e se afeta, altera o espaço urbano. Uma via de mão dupla em que se modificam território e subjetividade, e que entra em jogo a abordagem da própria caminhante-pesquisadora, suas problematizações, percepções, experiências, sua capacidade e incapacidade de ver, e a própria habilidade de questioná-las.

Desde 2016, desenvolvo o Projeto RUA, que parte do corpo a corpo nas ruas e da produção de um arquivo fotográfico (Figura 02) utilizado em experimentações com diversas técnicas gráficas como serigrafia, monotipia, cianotipia, tipografia e intervenção digital, e que transforma-se em pôsteres, lambes, publicações e livros-objeto. Um arquivo que se reorganiza a cada suporte em um processo de criação por montagem-desmontagem-remontagem. Uma prática que permite inúmeras composições possíveis tal qual o espaço urbano que se reorganiza e reconstrói incessantemente.



Entre os elementos que compõem a produção artística, estão os lambes comerciais colados nos muros e postes da cidade: compro ouro, resolvo problemas amorosos, mãe Bruna, tarô, vendo, compro, troco e financio, faço frete, entre outros. São artefatos urbanos que funcionam dentro de um sistema de informalidade e ilegalidade já que a Lei da Cidade Limpa (nº 14.223, Prefeitura de São Paulo, 2006) não permite qualquer espécie de publicidade no espaço urbano. Ainda assim, semanalmente, esses lambes são colados nos muros e postes e cumprem sua tarefa até que o serviço de limpeza urbana os retire. Um “põe e tira” que se repete indefinidamente.

Os lambes comerciais são composições gráficas que comunicam por persuasão. Sua distribuição na cidade funciona conforme as características dos bairros e a demanda. Um lambe anunciando COMPRO OURO é mais facilmente encontrado em bairros de classe média e média-alta, RESOLVO PROBLEMAS AMOROSOS costuma ocupar os postes dos bairros com maior número de jovens de classe-média, o FAÇO FRETE predomina nas periferias, e nos bairros ricos dificilmente existem lambes já que há pouca circulação de pessoas a pé.

A retirada dos lambes para a produção das obras do Projeto RUA acontece durante os dias de intervalo entre a aplicação dos lambes e a chegada da limpeza urbana. Ao retirá-los, saem não só lambes sobrepostos mas também camadas de cola, tinta, mensagens gráficas, poeira e reboco arrancados da superfície arquitetônica onde estavam aplicados. Uma verdadeira arqueologia que revela a sobreposição de diversos materiais pertencentes a momentos diferentes da sua história. Um palimpsesto de fricções entre arquiteturas e corpos que funciona como uma espécie de epiderme da cidade.

Após a retirada dos postes e muros, os lambes são lavados e é produzida uma PLACA¹, uma superfície compacta com vários lambes colados, onde são aplicadas cianotípias² realizadas em papel de seda ou papel de arroz japonês. São imagens de rostos ou composições arquitetônicas impressas em papéis com transparência e baixa gramatura para que, coladas à placa, fiquem totalmente aderentes à epiderme.

São trabalhos com várias camadas: lambes, restos de cimento, cola, tinta, imagens e intervenções gráficas se sobrepõem formando uma superfície áspera e densa. Uma montagem de elementos que se atritam e compõem uma paisagem urbana (Figuras 03 a 10).

Com uma metodologia construída durante o caminhar na cidade e na prática de ateliê, o Projeto RUA incorpora todas essas camadas de imagens, de superfícies e de ações que se esfregam, cutucam, irritam e adotam umas às outras, “mixando-as” em placas, pôsteres, lambes e montagens com a intenção de criar mais uma camada, deixar rastros, adentrar os fluxos, produzir agenciamentos e incorporar o devir.

1 Placa é uma denominação dada por mim não só ao material retirado das ruas mas também ao trabalho final realizado a partir deles.W

2 Cianotípia: processo histórico de transferência de imagem fotográfica.

Fotografias

PLACA Projeto RUA — Fonte: Priscila Bellotti

Referências

CARERI, Francesco. Caminhar e parar. São Paulo: Editora G. Gili, 2017.









